

Tráfico de Drogas: Biopoder e Biopolítica na Guerra do Império

Maria Elisa da Silva Pimentel

Os acontecimentos gerados pela venda ilegal de drogas, tendo como cenário as favelas e como personagens seus moradores, têm tido repercussão permanente nas mídias de comunicação, pondo à vista o conflito social na cidade do Rio de Janeiro.

A cidade torna-se um palco onde explodem as veias de uma teia que envolve intrincados interesses de diferentes setores da economia formal e informal e do Estado, além daqueles dos espaços de venda de drogas ilícitas no varejo nas favelas. Contudo, quaisquer que sejam os personagens em cena e os interesses em jogo, o discurso consensual que se produz sobre esses conflitos, principalmente nas mídias, é o da demonização do comércio ilegal das drogas no varejo, que começa com a própria demonização das drogas e termina com a demonização dos traficantes.

A narrativa que sustenta a política de segurança pública (e seus efeitos devastadores sobre as populações pobres) é aquela que apresenta os conflitos sociais culpando os jovens que trabalham na venda de drogas ilícitas pela violência instada nas cidades (como o mal estar da pós-modernidade), associando-os a um discurso de medo que acua toda a sociedade em relação a esses segmentos. Essa narrativa que produz o medo produz, conseqüentemente, a aquiescência de parcela da população com as formas com que o aparato do Estado se coloca frente a esses jovens, podendo essa aquiescência se transformar, em determinados momentos, em um clamor à repressão aos suspeitosos de desestabilizar a ordem e trazer o caos social.

Mas se esse discurso é eficaz para justificar as práticas violentas com as quais a política de segurança pública se efetiva, ele não consegue esconder o caráter de dizimação que a atuação do Estado ganhou nos últimos anos nas favelas do Rio de Janeiro.

Esse artigo tem por finalidade apresentar um novo olhar sobre o espaço de venda das drogas ilícitas nas favelas do Rio de Janeiro, e a relação dessa dinâmica com as práticas de poder, partindo da afirmação que os jovens negros e favelados que se inserem nas fileiras do tráfico são protagonistas de uma das mais potentes resistências sociais contemporâneas.

A afirmação de que os jovens que trabalham nas fileiras do tráfico se constituem hoje como luta de resistência não pode se sustentar somente pela forma violenta com que esses jovens vêm sendo assassinados²¹⁴ na guerra do império e precisa ser defendida também teoricamente. Se num primeiro momento a afirmação de que esses jovens são resistência pode parecer como um anúncio de ruptura com as tradições da teoria crítica, ao contrário, veremos, o campo teórico negriano que dá sustentação a esse estudo é herdeiro da vertente mais clássica dessa teoria: a tradição marxiana.

É assim o conceito de trabalho que é resgatado como eixo inicial: quem produz o mundo é a classe que vive do trabalho, o sujeito revolucionário só pode ser nada além do que o sujeito produtivo. A nova figura produtiva é quem se encontra no epicentro da luta de classes, assim como sempre foi ao longo da história: quem promoveu as principais revoluções que o mundo conheceu senão aquele mesmo que tem o mundo nas mãos, na mente e no coração? A equação original de Marx se mantém: a produção política se faz a partir das contradições encontradas nas relações de produção; também para Negri, a figura revolucionária continua sendo aquela que emerge do espaço da produção material do mundo.

O deslocamento maior que precisamos fazer para poder ver a dimensão de resistência presente quando esse comércio se transforma numa dinâmica particular posta na vida das favelas não se refere, portanto, a noção do sujeito político, mas da própria natureza atual do trabalho e das conseqüentes formas de organização e luta que esses geram na sociedade, encontrando, dessa forma, as favelas como novos territórios de mobilização produtiva e os jovens que precisam pegar em arma para instituir seu trabalho, e suas vidas, como protagonistas dessa luta contra o capital na sua forma mais atual.

Busco, dessa forma, encontrar a expressão do trabalho vivo em sua abstração, ou ainda, encontrar as expressões das lutas de classe na dinâmica capitalista atual, resgatando o sentido do trabalho exatamente na sua potência de criação de mundo, permitindo que o novo sujeito revolucionário, agora multidão, resplandeça.

214 Do ponto de vista dos Direitos Humanos legitima-se a defesa desses jovens quando os números revelam que aproximadamente cinquenta por cento dos casos de homicídios em decorrência das investidas policiais nas favelas indicavam execuções sumárias, com as vítimas baleadas nas costas ou na cabeça. (Ver CANO, Inácio. Letalidade da Ação Policial no Rio de Janeiro, ISER, 1997, Rio de Janeiro.)

A Nova Figura Produtiva: do Pobre à Multidão

Para fazer o encontro do tráfico de drogas com a idéia de sujeito revolucionário é necessário primeiro reafirmar que o que considero aqui como tráfico de drogas refere-se à atuação dos jovens nas favelas cariocas que vendem a droga no varejo. Tento diferenciar a discussão em dois aspectos: a rede mundial de produção e comercialização de drogas ilícitas, de um lado e, a forma com que esse comércio se manifesta nas favelas do Rio de Janeiro, na sua venda a varejo, - a narcofavela - por outro.

O comércio globalizado das drogas intercepta esses jovens na realidade particular com que instituem as suas vidas, em condições conformadas nos processos desiguais de desenvolvimento econômico da América Latina. Ou seja, ser jovem, negro, morador de uma favela implica a esses, necessariamente, correlações de força extremamente desfavoráveis à equação das suas vidas materiais, fazendo com que esses jovens inventem soluções calcadas no comum em que o cotidiano das favelas se constituem.

A possibilidade de conexão com o comércio internacional das drogas faz emergir o fenômeno narcofavela que expressa, de um lado, a relação subordinada que o trabalho sempre teve em relação ao capital e aos seus mecanismos de manutenção e controle, ou seja, quando o comércio internacional das drogas chega até a favela ele não desfaz essas relações de poder e dominação que marcam seus territórios, mas acrescenta novos elementos a essas composições de forças, constituídos agora sob as égides de uma nova lógica de produção, o capitalismo cognitivo.

Dessa forma, as favelas adquirem um sentido novo no capitalismo pós-fordista, quer porque, ao se socializar o capital se expande para a vida e o que era periférico se torna central, quer porque nas sociedades pós-modernas o sujeito revolucionário pode ascender como multidão, uma multidão de pobres.

Para ser apreendido na sua dimensão de resistência, o tráfico precisa ser visto a partir da categoria trabalho, ou seja, quando pode ser apanhado nas malhas da rede de acumulação do capitalismo pós-moderno, fazendo emergir a nova 'figura produtiva', o pobre.

A dimensão revolucionária que atribuo a essa dinâmica do tráfico se faz pelo lugar em que esses jovens se situam na rede globalizada de produção, no seu lugar de classe. O jovem traficante é assim 'pobre', como resultado das construções civilizatórias violentas e opressoras que lhes infringiu a história, mas principalmente porque constitui (e institui) a classe que vive do trabalho, não mais do trabalho fabril, mas do trabalho imaterial: do trabalho criativo, afe-

tivo, diversificado, que se faz nos espaços de reprodução social, no espaço de constituição da vida.

Esses jovens ao instituírem suas vidas estabelecem conexões de subordinação, mas também de enfrentamento quando, com essa atividade, constituem uma produção de resistência (rede rizomática de afetos) que produz uma nova hegemonia estética na sociedade.

Assim dirá Negri:

[...] Mas quem é o sujeito que produz 'transversalmente', que dá um significado criativo à linguagem – quem senão os pobres, que são subjugados e ávidos, empobrecidos e poderosos, sempre mais poderosos? (Negri, 2000, p. 175).

É a concretude material apresentada ao pobre que lhe exige uma potência sempre renovada, assim o pobre é a desmedida, o futuro. Assim dirá Negri, quem senão o pobre para constituir o comum. O pobre nessa medida (na sua desmedida) é o comum dos comuns. Dessa forma os pobres reinventam a realidade em práticas de vida que refletem suas carências materiais, mas também as superam, as reinventam.

Entender o jovem morador da favela, que vive do trabalho de vender drogas ilícitas no varejo, como expressão do conceito de pobre, é entender que essa atividade o torna figura produtiva quando vista como atividade que produz formas de vida, mundos possíveis.

O pobre, enquanto figura produtiva fundamental do capitalismo cognitivo tem a oferecer sua intelectualidade, sua criatividade, sua afetividade. Habilidades que precisam ser mobilizadas intensa e continuamente para o equacionamento de suas vidas, sobretudo quando trabalham numa atividade ilegal, como o tráfico de drogas.

Para a afirmação de que esses jovens são produtivos porque inventam suas vidas no limite constante da sobrevivência, o próprio sentido do que seja o trabalho precisa ser recolocado. É Maurizio Lazzarato quem traz novas referências para pensar que a produção da riqueza não deriva mais da conversão de uma atividade subordinada, como o trabalho aparece na perspectiva marxista do século XX.

Ao me deparar com ele, posso tirar definitivamente o trabalho de dentro da fábrica e fazê-lo chegar até as favelas, deslocando o entendimento do trabalho da sua formatação disciplinada e o fazendo expandir na sua dimensão criativa.

Lazzarato supera o conceito de trabalho e compreende o ciclo produtivo como atividades de invenção e difusão. As infinitas e contínuas conexões dos moradores das favelas podem ser vistas assim na imanência de onde vão emergir

inúmeras invenções, mas sobretudo onde a difusão se produz em rede, nos permitindo visualizar as favelas como espaço de produção. A partir de um novo entendimento do que passam a ser as atividades produtivas é que Lazzarato (2006) nos permite encontrar o que podem ser as dimensões produtivas das favelas. Segundo ele:

Dito de outra maneira, na cooperação dos ‘cérebros reunidos’, a invenção não é obra de grandes homens, e não é representada exclusivamente pelas grandes idéias; é sobretudo o resultado de uma colaboração e da coordenação de uma infinidade de agentes, ao mesmo tempo sociais e infinitesimais, e de suas idéias ‘raramente geniais, em geral anônimas, ‘que muitas vezes aparecem como pequenas idéias de pequenos homens, inovações infinitesimais que cada um aporta à obra comum’ (Lazzarato, 2006, p. 145-146).

O comum é vigorosamente atualizado no dia a dia das favelas. Estas, por sua vez, se constituem em mananciais de produção. Bacia produtiva imaterial: rizomas de subjetividades quaisquer postas a favor da vida (do equacionamento e da produção da vida). A favela se torna então uma rede contínua de difusão das inovações que emergem na produção de vidas potencializadas pela precariedade. É o conceito de pobre na sua potencialidade produtiva posta no equacionamento da vida. É a favela vista como uma rede de agenciamentos afetivos.

Assim que, quando a produção social se torna uma atividade da invenção (ao invés da subjugação do tempo de trabalho) e da difusão (o compartilhamento valoriza a mercadoria) as formas clássicas de seu aprisionamento também se esfacelam.

O processo agora é completamente imprevisível, dirá Lazzarato, por que ‘não se pode comandar a invenção nem sua difusão social’ (ibidem, p. 46).²¹⁵ E é aqui, neste ponto, que o conceito de guerra imperial precisa ser também entendido.

215 Para o autor: “Os efeitos da invenção e da criação, diferentemente dos efeitos do trabalho, são infinitos. A invenção pode se efetuar nos agenciamentos espaço-temporais, mas sua efetuação não a esgota. A invenção insiste, pela eternidade. Ela pode sempre participar de novas combinações, de novos agenciamentos, agora e para sempre. Infinita no tempo, ela é também infinita no espaço. Ela se derrama até os pontos mais distantes, seguindo a distribuição das subjetividades quaisquer” (Lazzarato, 2006, p. 47).

Biopoder e Biopolítica no Capitalismo Cognitivo

Ao romper com a dimensão disciplinadora do trabalho, Lazzarato rompe também com o caráter regulador da experiência política do movimento operário do período fordista, e amplia os eixos de identificação dos conflitos e resistências para além dessa relação capital e trabalho, entendendo assim que, quando a ‘potência de criação da multiplicidade é a fonte de constituição do real’ (Lazzarato, 2006, p.259) também as formas de controle e captura dessa riqueza se modificam.

Ao reconhecimento de que os instrumentos de soberania interna, eficazes até então, já não dão mais conta de controlar a dinâmica capitalista, pois essa invadiu todos os espaços, novas dinâmicas se impõem. Assim que à disciplina se sobrepõe o controle e, por sobre esse, a guerra. É a guerra que aparece então como forma de manter a ordem social. Nas palavras de Negri (2001):

Em outras palavras, a guerra transforma-se na matriz geral de todas as relações de poder e técnicas de dominação, esteja ou não envolvido o derramamento de sangue. A guerra transformou-se num regime de biopoder, vale dizer uma forma de governo destinada não apenas a controlar a população, mas a produzir e a reproduzir todos os aspectos da vida social. Essa guerra traz morte mas também, paradoxalmente, deve produzir vida. Isto não significa que a guerra foi domesticada ou que sua violência tenha sido atenuada, e sim que a vida cotidiana e o funcionamento normal do poder passaram a ser permeados pela ameaça da violência da guerra (p. 34, grifos meus).

Para que a guerra se torne de fato um elemento que perpassasse os funcionamentos da vida – “controle que invade a profundidade das consciências e dos corpos da população, atravessando as relações sociais e as integralizando” –, ela precisa traduzir-se numa ação contínua e invasiva no cotidiano dessas populações.

Será assim a existência de um comércio de drogas ilícitas, tomado na forma de jovens armados, submergidos num contexto de conflitos que geram diferentes formas de violência, a melhor justificativa para o estado de exceção permanente que recai sobre as favelas hoje.

Assim explicita Negri, “o Império está surgindo hoje como o centro que sustenta a globalização de malhas de produção e atira sua rede de amplo alcance para tentar resolver todas as relações de poder dentro de uma ordem mundial - e ao mesmo tempo exhibe uma poderosa função policial contra novos bárbaros e escravos rebeldes que ameaçam sua ordem (Negri, 2003, p. 37-8)”.

Os traficantes são escravos rebeldes que ameaçam a ordem do Império. A narcofavela, aqui, é apanhada a partir dessa perspectiva conceitual, pelo sentido do biopoder, ou seja, a guerra que se trava contra os traficantes pode se estender a toda a população favelada.

Falamos de uma guerra que intercepta essa população no instante mesmo em que está a produzir sua existência comum. Pois é justamente esse momento da reprodução da vida (que é agora produção) que precisa ser capturado.

A guerra aparece assim como uma modalidade de controle ainda mais sofisticada, que, se tem dentro de si a disciplina e o controle, vai para além deles. Ou seja, à potência desmedida da multidão precisa corresponder uma necessária antipotência. É a desmedida que precisa ser capturada, abafada, controlada.

E só a guerra, agora, pode lhe dar medida, por que só um poder que se interponha junto à vida pode deter, de alguma forma, a força dessa multidão que foi se conformando nas periferias das cidades fordistas.

A favela é a antítese de toda a disciplinarização que o fordismo impôs às sociedades, se constituindo no espaço da informalidade, da improvisação, da descontinuidade, da fuga. Mas se o espaço da favela é descontínuo e fugidioso é, ao mesmo tempo, comum. Há, nesses locais, um compartilhamento do espaço que se constitui no comum. É o comum que pulsa na vida das favelas, fazendo com que o viver da favela esteja carregado de arte.

Assim, para Lazzarato (2006), “se o poder de totalização do processo econômico, se a unidade do regime político, se o único mundo possível da economia e do político são cotidianamente minados pela proliferação de mundos possíveis, o estado de exceção é a única maneira de controlar a fuga, a experimentação, a criação conflitual de individualidades e movimentos políticos pós-socialistas” (p. 260).

O Estado de exceção se faz necessário quando o que se tornou produtivo é a própria vida do trabalhador e sua resistência. Dessa forma, as práticas de vida dos jovens que vivem das atividades ilegais precisam vir carregadas de habilidades que lhes garantam (ou não) a própria vida. Assim, o ‘exército dos desdentados’ (Mir, 2003) não enfrenta o poder do Estado pela força e, apesar do estardalhaço produzido pelos meios de comunicação em relação ao poderio bélico desses jovens, estudos realizados pelo ISER e aprofundados em Mir (2003), indicam tratar-se de um ‘exércitos dos desdentados’.

Esses jovens enfrentam o Estado muito mais com as estratégias que podem compor no comum da favela, e colocam em movimento, com esse fim, uma rede de afetos que os permite fugir da força violenta do Estado.

Dessa forma esses jovens são vidas que persistem por sob as adversidades, que inventam possibilidades, que inventam o impossível.

A questão que se abre agora (a guerra como biopoder) é justamente a de controlar um corpo que não se amolda mais às máquinas, que não se submete mais aos ritmos ou aos tempos marcados pela produção. Mas a questão que se abre é, principalmente, a de como controlar uma potência que reside num corpo sem órgãos, como capturar o corpo do comum: rizoma que se regenera em qualquer uma das suas partes?

É dessa forma que a violência implementada pelas forças policiais que se instala nas favelas vai para além daquela necessária para ‘enfrentar’ o tráfico de drogas e seu exército de desdentados. Adquire ares de guerra do império entranhando-se nas casas e no cotidiano da vida dos moradores das favelas.

Aqui o nosso círculo se fecha, pois a natureza produtiva do pobre tem, ao mesmo tempo, o sentido de captura e de fuga, de valorização e de resistência, de biopoder e de biopolítica.

Nesse sentido, a narcofavela não é apenas o lugar da resistência – biopolítica –, mas também o lugar onde a guerra estrangula a possibilidade de vida e o massacre violento ocorre em todas as formas. Aqui o tráfico de drogas subjaz na sua forma mais capturada. Temos a guerra imperial no seu sentido mais restrito: a guerra contínua que conforma as práticas cotidianas de grandes segmentos populacionais, onde o inimigo é cada vez mais indefinido.

Assim que – por sob a legitimação do combate ao tráfico – a guerra se torna biopoder, e pode se estender, entranhando-se e perpassando a vida e as relações sociais da favela. A população é invadida na sua privacidade, violada nos seus direitos, violentada na sua integridade. A guerra que se impetra a essas populações é, assim, uma guerra cotidiana, que entra em suas casas, arromba suas portas, rouba suas coisas, dispõe sobre suas vidas.

A violência está por todo lado e atinge a todos e, ainda que com letalidades diferentes, cumpre sempre a mesma função de controle. É assim que a guerra do tráfico de drogas aparece como - ‘forma de poder que regula a vida social por dentro, acompanhando-a, interpretando-a, absorvendo-a e a rearticulando’ - na forma como é tomada por Negri. Aqui, o sentido ainda ‘externalizado’ da guerra assume sua dimensão de subjetivação, quando “adquire comando efetivo sobre a vida total da população” (Negri, 2001:43).

A favela, novamente se gruda a acepção histórica produzida para os campos de concentração. A favela se torna um espaço onde a norma jurídica é suspensa e onde essa suspensão vira regra.

Assim dirá Pelbart (2003), “a questão não é como se pôde cometer crimes tão hediondos contra seres humanos, mas por quais dispositivos jurídicos e políticos seres humanos puderam ser privados de seus direitos e prerrogativas a ponto de qualquer ato cometido contra eles deixar de aparecer como delituoso” (p. 64).

Capitalismo Cognitivo: narcofavela e biopolítica em tempos de Governo Lula

Fechamos, dessa forma, a trajetória que foi preciso percorrer para entender o espaço da venda de drogas nas favelas como espaço de resistência e luta.

Primeiro, compreendendo todo o deslocamento sofrido pela produção econômica da sociedade contemporânea marcada pela recusa ao trabalho com que os operários vão derrotar o modelo regulador das sociedades disciplinares industriais e que faz emergir um novo estatuto, o paradigma hegemônico do trabalho imaterial. Segundo, chegando ao conceito de pobre e a expressão revolucionária que esse adquire com o conceito de multidão, enquanto sujeito da transformação.

É na própria constituição do conceito de pobre que aparecem as determinações com que esses jovens são apanhados pelo tráfico e como isso se torna vida e morte. Assim, os jovens que integram o tráfico de drogas se tornam revolucionários por que pobres e submetidos a mais direta relação de poder.

As favelas aparecem em toda a sua força produtiva, abrindo espaço para que os jovens do tráfico também possam emergir no seu potencial de resistência. Pode-se identificar, portanto, os diferentes modos mediante os quais o comércio mundial do tráfico de drogas apanha esses jovens, mas também os modos mediante os quais esses apanham o tráfico e resistem através dele.

As práticas necessárias para o equacionamento das suas vidas, mas sobretudo aquelas demandadas pelo fato de estarem submetidos à repressão policial – a vida no seu estado extremo de sobrevida e resistência – é que se torna extremamente produtiva.

O tráfico incorpora e dissemina, assim, uma estética revolucionária, porque fala da resistência, fala das lutas cotidianas com que essas populações enfrentam o Estado na sua ‘negatividade’ – porque são os jovens que enfrentam efetivamente esse Estado na sua faceta mais violenta.

Ao levá-los ao limite, a dinâmica capitalista provoca uma desmedida, que será capturada pelo sistema e que, ao mesmo tempo, abre fissuras na ordenação da sociedade. Nesse sentido, os conflitos permanentes que obrigam esses jovens a estarem alerta dia e noite transformam-se, assim, numa forma de vida no seu estado extremo de sobrevida e resistência. Portanto, muito mais do que sua

aparência inicial pressupõe, a narcofavela fala também de um novo sujeito social que nasce atrelado às novas organizações sociais advindas da globalização.

Mas será principalmente quando Negri apresenta as novas formas de dominação política desse modelo do império, explicitando-as a partir do conceito de guerra imperial, é que a caracterização do que seja o espaço das vendas de drogas ilegais pode ganhar um novo sentido, que o insere nas condições históricas assentadas pelo nosso modelo particular de desenvolvimento capitalista e as novas formas de produção, organização e reprodução das sociedades contemporâneas globalizadas.

A diáspora que se abre, ao chegarmos nesse ponto, diz respeito então às formas de enfrentamento dessa situação e como esses conflitos passam hoje pelas novas dinâmicas abertas pelo governo Lula. A política de Segurança Pública que vem sendo gestada frente a essas situações precisa, assim, ser repensada a partir de uma concepção que a coloque para além do entendimento de ser uma política de combate às drogas, sendo necessário trazer todo o contexto teórico-prático levantado acima.

É preciso considerar, por exemplo, que a maior quantidade de conflitos registrados na última década no Rio de Janeiro aconteceu exatamente na questão da segurança pública nas regiões das favelas e seus entornos. Dessa forma, produz-se um conflito permanente entre esses segmentos populacionais e os aparatos repressivos do Estado, levando-nos a colocar em pauta inicialmente a questão da descriminalização das drogas e do controle efetivo pelo Estado de sua produção e comercialização; assim como de toda a regulamentação do trabalho informal que tangencia hoje a ilegalidade (camelôs, transportes alternativos, etc.)

Mas a questão fundamental diz respeito diretamente à forma com que as políticas sociais desenvolvidas no governo Lula podem efetivamente mudar a correlação de forças instalada hoje entre esses segmentos. A radical democratização da sociedade (seja econômica, social e política) engendrada pelo governo através dessas políticas é que pode impulsionar uma dinâmica que tire esses jovens dessa relação subordinada ao comércio mundial das drogas.

Ao remontar a lógica do capitalismo cognitivo, torna-se possível entender que a profusão de vida encontrada nas favelas tenha adquirido sentido ainda mais central, pois são essas as formas de vida que hoje produzem valor. A sociabilidade aparece, assim, como um novo paradigma do trabalho e as favelas como “reservatórios de mobilização produtiva” (Cocco, 1995).

A incrementação da potência dessas novas figuras produtivas (pobre) se faz oferecendo-lhes condições de participar da vida produtiva de outras formas do que aquelas produzidas pelo tráfico.

A dimensão aqui resgatada consiste na análise da dimensão imediatamente social e comunicativa do trabalho ativo na sociedade capitalista contemporânea e, como isso coloca insistentemente, como dirá Negri, o problema das novas configurações de subjetividade, em seu potencial de exploração e de revolução.

Falamos aqui sobretudo das políticas de ação afirmativa, das reformas no ensino universitário e também das políticas nacionais de assistência, como o Programa Bolsa Família.

É, portanto, um projeto que revolve a centenária divisão econômica e cultural constituída nesse país, representada hoje pelo Governo Lula, que de fato pode começar a tornar verdadeiramente auspiciosa a vida desses jovens.

Referências

COCCO, Giuseppe. “A cidade policêntrica e o trabalho da multidão”. *Revista Lugar Comum* n 9-10 p. 61-89. Rio de Janeiro, 1999.

_____. *A produção e a cidade no pós-fordismo: as noções de trabalho imaterial e de bacia de trabalho imaterial*. Trabalho apresentado no V Encontro Anual da ANPUR, 1995.

_____. *Trabalho e Cidadania: produção e direitos na era da globalização*. 2 ed., São Paulo: Cortez, 2001.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo; SUCENA, Luis Fernando. *Nem Soldados nem inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

HARD, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Tradução Berilo Vargas. 3a ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Multidão*. Guerra e Democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, Mauricio; NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Trad. Mônica Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MIR, Luis. *Guerra Civil: Estado e Trauma*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital, ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

■.....**Maria Elisa Pimentel** é doutora, pesquisadora na área de violência e questões urbanas e professora do Centro Universitário UNIPLI-RJ.

